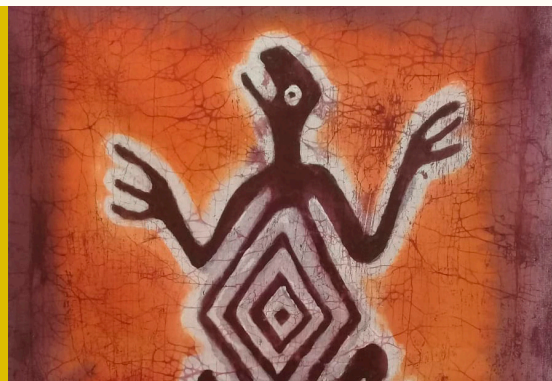


RALED

VOL. 20(1) 2020



ARTÍCULO

Análise do discurso, esfera superior e porta-voz

Discourse analysis, upper sphere and spokesperson

DOMINIQUE MAINGUENEAU

Professor de Linguística na Universidade
de Paris-Sorbonne – Paris IV
França

Recebido: 08 de fevereiro de 2019 | Aceito: 13 de abril de 2020

RESUMEN

En este artículo, buscamos reflexionar cómo el analista del discurso puede abordar la cuestión de la desigualdad discursiva, o sea, la imposibilidad - o, al menos, la dificultad - de algunos individuos o algunas categorías de individuos en acceder a lo que llamaré la esfera superior de la esfera, que reúne las actividades discursivas que poseen autoridad. Para ello, escrutamos las categorías discursivas de portavoz (*porte-parole*) y de representante (*porte-voix*), en cuanto modalidades específicas de delegación de habla de los actores sociales. Se analizan algunos hechos discursivos relativos a la sociedad francesa, buscando mostrar la productividad de tales categorías para el tratamiento de la desigualdad discursiva.

PALABRAS CLAVE: *Discurso. Desigualdad discursiva. Portavoz.*

RESUMO

Neste artigo, buscamos refletir como o analista do discurso pode abordar a questão da *desigualdade discursiva*, ou seja, a impossibilidade – ou, ao menos, a dificuldade – de alguns indivíduos ou algumas categorias de indivíduos em acessar ao que chamarei de a *esfera superior* da fala, que reúne as atividades discursivas que possuem autoridade. Para tanto, perscrutamos as categorias discursivas de porta-voz (*porte-parole*) e de representante (*porte-voix*), enquanto modalidades específicas de delegação de fala dos atores sociais. São analisados alguns fatos discursivos relativos à sociedade francesa, buscando mostrar a produtividade de tais categorias para o tratamento da *desigualdade discursiva*.

PALAVRAS CHAVE: *Discurso. Desigualdade discursiva. Porta-voz.*

ABSTRACT

In this article, we seek to reflect how the discourse analyst can address the issue of discursive inequality, that is, the impossibility - or, at least, the difficulty - of some individuals or some categories of individuals to access what I will call the *esfera superior* of speech, which brings together discursive activities that have authority. To that end, we examine the discursive categories of spokespersons - (*porte-parole*) and representative (*porte-voix*), while specific modalities of speech delegation of social actors. Some discursive facts about French society are analyzed, trying to show the productivity of such categories for the treatment of discursive inequality.

KEYWORDS: *Discourse. Discursive inequality. Spokesperson.*

Introdução

Face a uma desigualdade classificada como uma “injustiça”, o analista do discurso não é um mero cidadão.¹ Independentemente de seu eventual engajamento político, ele de fato mobiliza alguns conceitos e métodos relevantes nas ciências humanas e sociais para tentar compreender melhor o papel do discurso na legitimação desta “injustiça”. Para realizar adequadamente esse trabalho, ele pode estudar os elementos *nos* textos, mas pode também – e pensamos ser menos frequente – se colocar em um outro nível para abordar a *desigualdade discursiva*, ou seja, a impossibilidade – ou, ao menos, a dificuldade – de alguns indivíduos ou algumas categorias de indivíduos de acessar o que chamarei de *esfera superior* da fala, que reúne as atividades discursivas que possuem autoridade. Esta “esfera superior”, certamente, não se refere a nenhum recorte preciso do universo do discurso, ela apenas reflete o sentimento que um grande número de pessoas na sociedade vivenciam: que a sua voz não é percebida para além do seu universo imediato; que ela não interessa as mídias e/ou que ela não tem peso diante daqueles que possuem poder de decisão.²

Em geral, o objetivo do analista de uma “desigualdade discursiva” é solucioná-la por meio de sua própria intervenção. Mas é difícil ignorar que outros tipos de atores sociais tenham como objetivo fazer com que a voz daqueles que podemos chamar de “sem voz”, que se consideram excluídos da esfera superior, seja ouvida. Neste trabalho³ pretendo refletir sobre como a Análise do discurso francesa pode abordar essa categoria de “desigualdade discursiva”, a partir da proposição de algumas características dos “porta-vozes” que amplificam ou direcionam a palavra dos “sem voz” às instâncias de poder.

Adotamos o substantivo “sem voz” - amplamente difundido nas mídias francesas - pois ele integra um conjunto ao lado de outros substantivos compostos pela preposição *sem-*: “sem domicílio fixo”, “sem terra”, “sem abrigo”, “sem família”.⁴ O emprego deste termo implica um raciocínio mais ou menos explícito: algumas pessoas são vítimas de uma injustiça e sua voz deverá, por conseguinte, chegar à esfera superior; no entanto, isso não acontece. Em consequência, a enunciação de seu representante se converte em enunciação com função reparadora. Duas formas de injustiça são, assim, articuladas: a injustiça da qual os sem voz são vítimas, e a injustiça de ser sem voz para

-
- 1 Tradução para o português brasileiro e revisão Paula Camila Mesti, Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Agradecemos vivamente ao autor por sua atenta leitura dessa versão em português, bem como as pertinentes sugestões dadas.
 - 2 Texto inicialmente apresentado no VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED-Brasil, que teve como tema “Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas”, realizado na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.
 - 3 Este texto está, em grande parte, assentado nas discussões empreendidas no livro, de minha autoria, intitulado “Variações sobre o ethos”, publicado em 2020 pela Editora Parábola (ISBN: 978-85-7934-183-0).
 - 4 No caso da cultura política francesa, a legitimação da ação política, pelo fato de que seus atores também são “sem-”/ “*sans-*” remonta à Revolução Francesa, por meio dos “*sans-culotte*”, um dos grupos sociais mais atuantes que usavam calças compridas e largas. Sobre esta questão, consultar Guilhaumou (2002).

falar desta injustiça na esfera superior. Desta forma, aquele que utiliza esta designação de “sem voz”, mostra o ethos de alguém compassivo e com senso de justiça.

1. O porta-voz

Constantemente, os jornalistas de televisão ou rádio fazem reportagens sobre as pessoas que poderíamos considerar como aquelas sem voz, como, por exemplo, quando jornal televisivo mostra as famílias que vivem em condições miseráveis. Neste caso, há um mediador – que pertence ao dispositivo jornalístico – que não se apresenta como o *porta-voz* do sem voz, ele se contenta a falar sobre eles, a filmá-los ou escutá-los. Um jornalista, a partir de sua posição social, estende seu microfone a todos os tipos de pessoas, das mais famosas às mais anônimas. Por outro lado, quando se trata de uma enunciação que pretende levar a voz aos sem voz, a justificativa da tomada de palavra baseia-se na sentença de certo tipo de injustiça: a voz daqueles deve ser percebida somente por meio da intervenção do representante, apresentada como necessária.

O termo *porte-parole* é, entretanto, muito impreciso, pois ele pode abranger situações de naturezas bem diferentes. Podemos, em parte, esclarecer as coisas nos apoiando sobre o fato de que a língua francesa permite estabelecer uma distinção entre *porte-parole* e *porte-voix*.⁵ O *porte-parole* possui um *status* reconhecido por uma instituição e ele pertence, portanto, à uma coletividade previamente organizada (um governo, uma empresa, uma associação, etc.) que o encarrega de falar em seu nome, no que se refere aos procedimentos formais de delegação da fala. *A priori*, este *porte-parole* possui o mesmo ethos discursivo e não-discursivo que os membros prototípicos desta coletividade. Por outro lado, o *porte-voix* não é, em princípio, um mero membro da coletividade ou do mundo do indivíduo em nome do qual ele se exprime: ele pretende se apoiar em uma *inspiração* de ordem ética, e frequentemente sem que aqueles que são defendidos lhe tenham solicitado.

Essa distinção entre *porte-parole* e *porte-voix* não está registrada no dicionário. Eu que estou redirecionando o significado do lexema francês *porte-voix* – porta-voz – para que ele se torne também um conceito para a Análise do Discurso. No dicionário, porta-voz designa, na verdade, um megafone – instrumento utilizado principalmente em manifestações políticas ou sindicais – que permite amplificar o som da voz. Este desvio semântico é, contudo, motivado. Em primeiro lugar, porque um megafone visa fazer com que a voz seja ouvida muito mais longe e a pretensão dos locutores que se colocam como porta-voz é exatamente amplificar a voz dos sem voz, não de produzir uma outra voz.

Além disso, os termos correlatos “porta-voz” e “sem voz” não possuem sem razão o lexema “voz”. O “sem voz” é sem voz no sentido de que ele não é escutado, mas há uma voz paradoxalmente muito poderosa, que exprime a realidade de uma interioridade sofredora, que não é alterada pelas múltiplas mediações da vida social. A voz, diferentemente da fala, pode ser um simples grito.

5 N.T.: Como na língua portuguesa não há uma distinção entre a tradução de *porte-parole* e *porte-voix*, considerando o contexto deste artigo, usaremos o substantivo “representante” para traduzir a expressão *porte-parole* e “porta-voz” para se referir à *porte-voix*.

abaixo da fala articulada. Se toda fala é restrita pelo lugar de onde é enunciada, a voz, miticamente, está mais próxima da inocência, do canto, da Natureza. Basta a este propósito mencionar as reflexões críticas de J. Derrida (1967) sobre o privilégio sistematicamente atribuído à voz, às custas da escrita, no pensamento ocidental.

Exceto quando se trata de bebês ou de animais, os sem voz são os próprios sujeitos falantes. Para o porta-voz, o problema não é divergir de sua própria enunciação na esfera superior, mas se distanciar da voz que ele deve transmitir, tornando perceptível a voz dos sem voz sem alterar a sua mensagem, tanto do ponto de vista do significado quanto do significante. Na verdade, o acesso a uma esfera “superior” implica necessariamente a reformatação do significado e do significante: mesmo que a legitimidade do empreendimento da voz venha da premissa de que é possível efetuar uma simples amplificação da mensagem, o analista do discurso pode, com todo o direito, duvidar que existam significados independentes da materialidade da língua e dos dispositivos de enunciação.

Esta dificuldade é visível especialmente no caso do sujeito político que, frequentemente, se apresenta como o porta-voz dos sem voz, mas cujo discurso é extremamente restrito, em particular pela necessidade de se posicionar no campo político. Consideremos, por exemplo, o texto extraído do site do jornal on-line da Ilha da Reunião, território francês no Oceano Índico. Este texto apresenta os candidatos do Partido Comunista para as eleições locais. O título do artigo é composto pelo designador “os porta-vozes dos sem voz”, recuperando uma fórmula utilizada pelos próprios candidatos e construindo uma oposição entre os “sem voz” e os “tecnocratas que decidem”. Em francês, “tecnocrata” é um substantivo qualificativo negativo que permite fazer referência a um “(...) personagem político ou alto funcionário que age, decide em função dos dados técnicos ou econômicos, sem dar prioridade aos fatores humanos”.⁶ Por definição, o tecnocrata pertence, assim, à esfera superior e se caracteriza pelo abismo estabelecido entre ele e os sem voz. Observemos a seguir:

Os representantes dos “sem voz”

David Lebon e Betty Grondin, candidatos do Partido Comunista Revolucionário (PCR), apresentaram ontem, ao lado de seus vices Joël Vienne e Catherine Lejoyeux, seus programas para as eleições departamentais da comarca 13, comuna de Saint-Joseph.

Eles se consideram “os representantes dos sem voz. Acabou o tempo em que são os tecnocratas que decidem, os outros e os jovens devem agir. Nós queremos federar e unir todas as pessoas de boa vontade para trabalhar e defender os interesses desta comarca, com disponibilidade, proximidade, rigor, e eficácia. Esta eleição oferece à população a oportunidade de se exprimir”, de imediato declarou David Lebon.⁷

Para poder, desta forma, se instituir legitimamente como “representante dos sem voz”, é necessário que os candidatos ofereçam um ethos confiável, que eles mostrem por meio de diversos índices que

6 Segundo o autor, a definição de “technocrate” foi retirada do Dicionário Francês *Trésor de la Langue Française*.

7 Reportagem disponível em: <http://www.clicanoo.re/?page=archive.consulter&id_article=461915>. Acesso em: 8 fev. 2016. Itálico do autor.

participam dos dois mundos: a esfera superior e o mundo dos “sem voz”, com o qual eles deveriam manter uma relação privilegiada. É o que decorre, por exemplo, na foto associada ao texto (figura 1, a seguir): a maneira que os candidatas estão vestidas, suas atitudes e a presença de um cenário natural contribuem para ativar no leitor um ethos de pessoa simples, que pertence naturalmente ao mundo dos “sem voz”. Observemos:

FIGURA 1

Imagem dos representantes dos sem voz.

POLITIQUE

Les porte-parole des « sans voix »

Réagir | Clicanoo.com | publié le 17 février 2015 | 02h30



2. O porta-voz afiliado

No exemplo anterior, trata-se de porta-vozes integrados a uma organização que opera sobre dois níveis: dos indivíduos que são membros e são apresentados como os sem voz e dos indivíduos que vivem em contato permanente com os sem voz. Porém, a eficácia de sua ação consiste no fato de que eles são membros de uma entidade de nível superior, neste caso, de um partido político, que tem o privilégio, propriamente dito, de pertencer à uma esfera superior. Poderíamos dizer, neste sentido, que são porta-vozes *afiliados*.

A especificidade desses porta-vozes afiliados destaca-se principalmente quando os comparamos ao modelo dominante dos profissionais da política. É o caso dos dois textos a seguir, que apresentam fotos dos candidatos às eleições francesas de 2014 para o Parlamento Europeu. Estas fotos compõem a sua “profissão de fé”, isto é, o texto oficial que apresenta o programa político do candidato.

O primeiro texto possui como *slogan* “Democratas pela Europa”, e o do Novo Partido Anticapitalista (NPA) “Fora de questão pagar a crise deles”. Estes dois *slogans* mostram a profunda divergência entre os dois partidos. Há, por um lado, um partido centrista, o Movimento Democrático (MODEM), que, assim como todo partido, pretende governar o país e se legitima dizendo que procura defender os interesses de toda a população. E de outro lado, um partido da extrema esquerda, o Novo Partido Anticapitalista (NPA), que, pelo contrário, se legitima instituindo-se

como porta-voz dos sem voz, defendendo os interesses das vítimas do capitalismo. Observemos a seguir as figuras 2 e 3:

FIGURA 2

Imagem da reportagem sobre o Partido NPA.

Partout en Europe, pas question de payer leur crise!

NPA
NOUVEAU PARTI ANTICAPITALISTE

ÉLECTIONS EUROPÉENNES DU 7 JUIN 2009 - CIRCONSCRIPTION ÎLE-DE-FRANCE

Votez pour la liste conduite par

Omar SLAOUTI,
Fabienne LAURET,
Olivier BESANCENOT

LE CAPITALISME EST EN FAILLITE. Sarkozy et ses amis multiplient les promesses hypocrites de « moraliser » le système légal pour faire passer les milliards versés aux banquiers et aux patrons. Mais c'est à nous, salariés-e-s, privé-e-s et employé-e-s, immigré-e-s, retraité-e-s, qui avons vu nos conditions de vie et de travail, notre environnement sacrifiés au profit des actionnaires, qu'on impose encore plus de licenciements et de mises à l'écart. L'Union européenne est l'un des acteurs principaux de cette crise. Les politiques de Sarkozy et de

Fillon sont celles qui ont décidées par l'ensemble des gouvernements européens. Les luttes politiques et sociales avaient imposé des limites aux méfaits du capitalisme. Ces droits conquis sont démantelés pour mettre en place un vaste marché où tout serait à vendre. Il n'y a plus de travail, notre environnement sacrifié au profit des actionnaires, qu'on impose encore plus de licenciements et de mises à l'écart. L'Union européenne est l'un des acteurs principaux de cette crise. Les politiques de Sarkozy et de

En France, le mouvement social ne décline pas. Pour s'opposer aux politiques néolibérales à l'échelle européenne, il faut amplifier et coordonner ces résistances: refusons ensemble la mise en concurrence des humains entre eux, le démantèlement du droit du travail, la disparition des services publics, les licenciements, la précarité de l'emploi. Faisons reculer les logiques du profit et du productivisme qui affectent notre santé, démantelons nos cadres de vie, et menaçons gravement la survie de la planète.

POUR INVERSER LA TENDANCE, IL FAUT **UN CHANGEMENT DE LOGIQUE** **SOUS LE CONTRÔLE DE LA POPULATION, C'EST CE QUE PROPOSE LE NPA.**

UNE EUROPE SOCIALE: NOS VIES, PAS LEURS PROFITS
Le droit pour toutes et tous de vivre correctement de son travail, exige l'interdiction des licenciements et le partage du temps de travail sans perte de salaire, l'augmentation des salaires, des retraites et minima sociaux de 300 euros net et un salaire minimum européen équivalent à 1500 euros net en France, la suppression de la TVA et le blocage des prix pour les produits de première nécessité. Nous avons besoin du meilleur de ce qui a été imposé par les luttes: droit du travail, protection sociale, avancement et coopération libres et gratuits, droit à l'éducation et à la santé. Il faut imposer l'égalité des droits, contre toutes les oppressions et discriminations: raciales, antisémites, sexistes, homophobes, liées au handicap.

UNE EUROPE PAR ET POUR LES PEUPLES
Plus de 85 % des lois et règlements qui régissent nos existences sont tous des politiques de l'Union européenne en concertance de tous continents des peuples. La démocratie est nulle. Le projet de Constitution, rejeté en France et aux Pays-Bas en 2005, nous est imposé sous la menace de la crise et dans tous les esprits et dans nos vies.

POUR EN SORTIR, IL FAUT DES MESURES RADICALES, EN EUROPE DÉMOCRATIQUE. RUPTURE AVEC LA LOGIQUE CAPITALISTE.

Contre l'Europe néolibérale qui défend les intérêts de tous les peuples opprimés, notamment ceux des Palestiniens victimes de crimes de guerre. L'Europe doit sanctionner le gouvernement israélien. Elle doit suspendre ses relations politiques et économiques avec lui et boycotter les marchandises vendues sur le marché européen en provenance de ce pays qui ne respecte le droit international. Nous voulons le démantèlement de l'OTAN. Nous exigeons le retrait des troupes européennes, de l'Afghanistan à l'Algérie.

LE 7 JUILLET, VOTONS POUR UNE EUROPE ANTICAPITALISTE. VOTONS POUR LA LISTE CONDUITE PAR OMAR SLAOUTI.

Olivier Besancenot

FIGURA 3

Imagem da reportagem sobre o Partido MoDem.

Démocrates pour l'Europe
liste soutenue par François Bayrou

Nous l'Europe
devons faire face à d'immenses défis. Citoyens français, nous sommes aussi des citoyens européens. Nous savons maintenant que dans la mondiallation, un pays isolé ne peut rien. La crise économique nous en a apporté la preuve. Notre seule chance de nous faire entendre et respecter, c'est que les pays européens agissent ensemble. Les règles nécessaires pour empêcher les dérivés financiers et la montée des injustices ne peuvent être décidées qu'à l'échelle du monde. Si nous voulons être entendus, l'Europe est notre chance. Nous voulons défendre un modèle social, des services publics, une économie vivante, nos emplois, l'environnement de la planète, l'eau, l'air, le climat. L'Europe portera nos exigences. Mais pour être fidèle à l'attente des peuples, il faut que l'Europe devienne compréhensible par tous les citoyens. Nous proposons que ses décisions soient annoncées trois mois à l'avance pour que chacun puisse exprimer son avis par l'intermédiaire des élus, des associations ou syndicats. Et nous proposons que toute délibération devienne publique pour qu'on ne puisse plus dire « c'est la faute à Bruxelles ». Nous vous proposons une équipe de candidats remarquables par leur expérience et leur engagement à 100 %, avec eux, vous aurez de vrais porte-parole, des députés européens écoutés et respectés. Pour faire entendre, au Parlement européen, votre voix de citoyens.

Nous voulons

- 1- Mettre en œuvre une réponse européenne une face à la crise et à la mondiallation.
- 2- Promouvoir un projet de société qui concilie l'urgence sociale, l'impératif démocratique et l'urgence écologique.
- 3- Défendre le modèle social européen en mettant en place un tel projet de convergence sociale pour une harmonisation progressive de nos niveaux de protection sociale.
- 4- Défendre les services publics pour préserver notre cohésion sociale.
- 5- Assurer une harmonisation fiscale entre Etats européens.
- 6- Bâtir un modèle de croissance durable en misant sur les énergies renouvelables et en reinventant nos modes de production, de transport et de logement.
- 7- Anticiper le vieillissement démographique en le prenant en compte dans l'élaboration des politiques publiques de l'Union.
- 8- Défendre l'emploi et les PME européennes en obtenant progressivement de nos partenaires commerciaux la prise en compte et le respect des mêmes impératifs environnementaux et sociaux.
- 9- Instaurer une solidarité économique européenne, une politique industrielle européenne et renforcer la coopération de nos politiques économiques.
- 10- Construire une Europe des citoyens en organisant des débats publics accessibles aux décisions et en assurant la publicité des délibérations.
- 11- Créer une avant-garde européenne formée à partir des élus de la zone euro pour servir l'Europe de l'émancipation.
- 12- Faire du savoir et de la connaissance des priorités de l'Europe un objectif du budget européen pour la recherche et en créer une aide pratique aux dépôts de brevets.
- 13- Donner à l'Union de vrais moyens pour agir en augmentant significativement le budget européen par exemple, par exemple, une taxe carbone ou une contribution sur les marchés financiers.
- 14- Promouvoir une agriculture européenne de qualité qui vise la sécurité alimentaire, qui protège l'environnement et maintient en lieu d'exploitation à taille humaine.
- 15- Défendre une pêche durable par l'implication des pêcheurs dans les processus de décisions, le maintien des activités sur le littoral et la préservation des ressources.
- 16- Renforcer l'Europe de la culture par la défense du pluralisme et de la diversité culturelle.
- 17- Garantir les identités, les cultures, les langues et les modes de vie en Europe.
- 18- Assurer l'apprentissage de deux langues européennes et de l'histoire de l'Europe dans les programmes scolaires.
- 19- Développer les échanges pour les étudiants et pour les apprentis avec un nouveau programme Erasmus, accessible à tous et soutenu par un système de bourses.
- 20- Assurer la sécurité en Europe à travers la création d'un procureur de l'Union avec mandat de poursuite dans toute l'Europe pour lutter contre la criminalité organisée.
- 21- Instaurer une défense européenne indépendante avec un état-major permanent européen.
- 22- Coordonner nos diplomates nationales pour faire entendre la voix européenne.
- 23- Lutter contre toutes les formes de discriminations et faire de la lutte contre le handicap une priorité.
- 24- Donner la priorité au développement des pays pauvres en leur permettant de protéger leurs marchés agricoles et de valoriser leurs matières premières.
- 25- Assurer les droits et libertés de tous les citoyens, en particulier la protection de la vie privée, le droit d'accès, les droits des mineurs et garantir l'indépendance de la justice.
- 26- Honorer notre mandat: « en notre première session de session, nous devons travailler du Parlement européen ».
- 27- Informer les citoyens à travers un programme de mise en œuvre.

Autour de François Bayrou en Ile-de-France

Marielle de Sarnez

Notre équipe de France pour l'Europe :
Ile-de-France : Marielle de SARNEZ, députée européenne
Est : Jean-François KAHN, journaliste, fondateur de « Marianne »
Nord-Ouest : Corinne LEFAGE, ancien ministre de l'Environnement
Sud-Ouest : Robert ROCHFORT, directeur du CREDOC
Sud-Est : Jean-Luc BENHAMMAS, député européen
Ouest : Sylvie GOLLARD, présidente d'une association européenne
Massif Central Centre : Jean-Marie BEAUDU, député européen
Outremer : Gino PONN BALLOM, conseiller général de la Réunion

Élections européennes 2009 - www.europe.lesdemocrates.fr

As roupas dos candidatos do MODEM (figura 3) são destinadas a marcar seu pertencimento à esfera superior, apresentada implicitamente como aquela à qual está articulado o interesse geral. Em contrapartida, o início do texto do NPA (figura 2) anuncia claramente quem fala e a quem fala:

É sobre nós, salariado(a)s, privado(a)s de emprego, jovens, imigrante(s), aposentado(a)s, que vimos nossas condições de vida e de trabalho, nosso mundo sacrificado em proveito dos acionistas, que se impõe ainda mais demissões e misérias.

O pronome “nós” marca o pertencimento dos candidatos ao mundo daqueles que eles defendem. Destaca-se a maneira como os candidatos estão vestidos: a imagem é feita para dar a impressão de que, como os candidatos do Partido Comunista da Reunião, eles pertencem ao mundo da “miséria”, opostos aos “acionistas” que são a causa dessa “miséria”. Eles se apresentam como pessoas comuns, mais próximos dos sem voz, mas também como os porta-vozes afiliados, membros de um partido que é capaz de enunciar textos políticos de argumentação elaborada, como o que está associado às fotos.

Como também aparece neste texto, o logotipo vermelho do Novo Partido Anticapitalista é construído em torno do símbolo de um megafone (um porta-voz, portanto) cuja significação é dupla: faz do partido um simples amplificador da voz dos trabalhadores, e, por metonímia, o associa aos grupos de manifestantes, colocando em evidência o papel das “lutas” sociais do partido. Contudo, o porta-voz afiliado possui uma posição bem menos simples, uma vez que ele se apresenta em seu discurso como porta-voz do sem voz quando na verdade os partidos políticos foram feitos para produzir líderes, isto é, os indivíduos que possuem a capacidade de intervir na esfera superior.

A palavra do porta-voz afiliado é, assim, submissa à uma tripla coerção: é necessário demonstrar sua compatibilidade com o discurso dos sem voz, mas também estar de acordo com o posicionamento político do seu partido, e, por fim, sua conformidade às normas da fala pública na esfera superior. Essa tripla coerção cria uma instabilidade irreduzível, de acordo com a tônica que é colocada sobre um ou outro dos três polos. Quando lemos o texto do Novo Partido Anticapitalista, que resume as suas posturas para as eleições europeias, percebemos que se entrelaçam três registros distintos: 1) as normas impostas pelo gênero de discurso oficial e da profissão de fé, que está sujeito aos usos da vida política nacional; 2) as características do discurso dos movimentos da extrema esquerda, perceptível em todos os níveis do texto (o vocabulário, o modo de pensamento e, também, a tipografia); 3) as características da oralidade, típicas da expressão popular: bem como o próprio *slogan* que aparece em todo o texto, “Fora de questão pagar a crise deles”, concretizado em francês informal.

3. O porta-voz carismático

Para encontrar um tipo de porta-voz cuja relação com os sem voz não seja, desta forma, *mediada* por um partido, mas diretamente *mediatizada*, encenada pelas mídias, é necessário considerar as situações nas quais o porta-voz é um indivíduo que não pertence ao mundo

dos sem voz, mas que também não é membro de uma organização destinada à representar sua voz. Ele deve se colocar à serviço dos sem voz um carisma pessoal, conquistado em um outro domínio.

Um exemplo emblemático sobre este tema é o da atriz Angelina Jolie, a quem foi conferido em 2001 pelo Alto Comissário das Nações Unidas para os refugiados, o título de “embaixatriz da boa vontade”, cuja função é precisamente fazer com que a voz dos sem voz alcance a esfera superior - neste caso concreto por meio das mídias e organismos internacionais. O termo “embaixatriz da boa vontade” é significativo: “embaixador” orienta o porta-voz para o estatuto do representante oficial ligado à esfera superior, e o complemento “de boa vontade” orienta ao carisma pessoal. O emprego mais conhecido da expressão inglesa *good will*, ou seja, *boa vontade*, encontra-se precisamente no episódio do nascimento de Jesus, quando os anjos cantam “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, *boa vontade* para com os homens” (Lucas, 2, 14) e em francês “Paz aos homens *de boa vontade*”,⁸ conforme observamos no excerto a seguir:

Angelina Jolie é nomeada Embaixadora da Boa Vontade do ACNUR para refugiados

Em uma cerimônia na segunda-feira (27 de agosto) com funcionários da sede do ACNUR em Genebra, Jolie, de 26 anos, receberá o título honorário do Sr. Ruud Lubbers, do Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados.

“Estamos muito satisfeitos que a Sra. Jolie tenha generosamente concordado em dar seu tempo e energia para apoiar o trabalho do ACNUR”, disse Senhor Lubbers. “Ela pode ajudar a *dar voz aos refugiados, muitos dos quais vivem nas sombras de tragédias esquecidas*. Estamos orgulhosos de recebê-la para a família ACNUR”.⁹

Apesar deles não pertencerem ao mundo dos sem voz que defendem, estes porta-vozes carismáticos, assim como os porta-vozes afiliados, devem manter um equilíbrio delicado entre a necessidade de formatar os seus discursos de acordo com as restrições da esfera dominante e a necessidade de parecer meros transmissores, os amplificadores em um certo sentido, daqueles vindos de baixo. Além disso, é necessário não para ampliar a lacuna que os separa dos sem voz nos campos de refugiados: Jolie, por exemplo, tenta adotar certas características das roupas daqueles cuja voz ela deveria defender, ou pelo menos não marcar tanto a sua diferença de *status*, conforme as figuras 4 e 5 apresentada a seguir:

8 Nós é que destacamos parte das citações. Cito aqui as traduções tradicionais, para o inglês a Bíblia do Rei Jacques e para o francês a Bíblia Vulgata (“in terra pax hominibus *bonae voluntatis*”). São estas que passaram a circular.

9 Nós é que destacamos parte das citações. Este comunicado da imprensa é de 23 de outubro de 2001 e a matéria está disponível em: <<http://www.unhcr.org/news/press/2001/8/3b85044b10/angelina-jolie-named-unhcr-goodwill-ambassador-refugees.html>>. Acessada em: 15 jun. 2016.

FIGURA 4

Imagem de Angelina Jolie com as crianças afegãs em 2005.¹⁰

**FIGURA 5**

Imagem de Angelina Jolie com os Birmans em 2014.¹¹



10 Imagem disponível em: <<http://www.chari-t.fr/magazine/angelina-jolie-10-ans-d%E2%80%99humanaire-et-de-glamour>>. Acessada em: 16 jun. 2016.

11 Imagem disponível em: <http://www.purepeople.com/media/angelina-jolie-ambadrice-de-l-unhcr_m1514601>. Acessada em: 16 jun. 2016.

4. Dos “Sem Voz” às “Pessoas do Lado de Fora”

A distinção entre porta-voz afiliado, ligado a uma organização, e porta-voz carismático, que propomos neste texto, não é suficiente para cobrir todos os casos de figuras possíveis. Em particular, é necessário considerar o caso dos porta-vozes cujo discurso intermediário se inscreve no campo estético.

Consideremos primeiro o exemplo de um grupo de rock francês que, precisamente, é denominado de os “*Les Sans Voix*” – “Os Sem Voz”. Este grupo musical vem de instituições de caridade religiosas, neste caso, do Socorro Católico e da Fundação Abbé Pierre. O boletim de imprensa do grupo “Sans Voix” explica o projeto que o encoraja:

Este grupo musical nascido em fevereiro de 2014 é o resultado do encontro entre Piero SAPU, figura da cena alternativa (cantor de *Garçons Bouchers*, *BB Doc*, *Docteur Destroy*), e todos os “Sem”, os “esquecidos” da nossa sociedade, cujo grupo SEM VOZ estabeleceu como objetivo amplificar e transmitir a fala.

A originalidade do projeto? Uma voz de rock francófono decide colocar seu talento de letrista e seu carisma cênico (mais de 15 anos de palco!) a serviço dos abandonados, tornando-se assim um amplificador e um porta-voz.

As palavras das canções são compostas pelo grupo SANS VOIX (cerca de vinte composições até hoje) são as palavras dos “perseguidos” da existência, coletadas durante oficinas de escrita, em livros, ou durante as reuniões em toda a França.

Rachel, Henri, Catherine, William..., são os Sans Voix que se cruzaram em associações humanitárias do Var ou de outros lugares, que Piero SAPU orgulhosamente proclama a palavra!¹²

Mesmo que esta banda de rock seja apoiada por instituições de caridade, ela não é um porta-voz filiado a uma associação ou a um partido. Também não se pode dizer que seja um porta-voz carismático que - como Angelina Jolie - não pertence ao mundo dos sem voz.

De fato, esse grupo deve viver o mais próximo possível dos sem voz, isto é, aqueles que ele procura retransmitir. Também notamos neste informativo o medo de se ver romper essa relação direta que legitima o grupo. As letras das músicas são apresentadas como: 1) produzidas coletivamente (“As palavras das canções são compostas pelo grupo SANS VOIX”); 2) “[...] coletadas durante oficinas de escrita, em livros, ou durante as reuniões em toda a França”. É, portanto, uma questão de apresentar os textos das canções como o produto direto das palavras das pessoas sem voz em questão. Podemos ver no site do grupo¹³ o megafone, o porta-voz, que também é o logotipo do Novo Partido Anticapitalista. Deste modo, o grupo mostra que está contente em amplificar o discurso já existente, mas inaudível na esfera superior, conforme figura 6 a seguir:

12 Texto disponível em: <<http://www.sansvoix.fr/presse/>>. Acessado em: 02 set. 2016.

13 Site disponível em: <<https://www.sansvoix.fr/album/>>. Consultado em 17 fev. 2017.

FIGURA 6

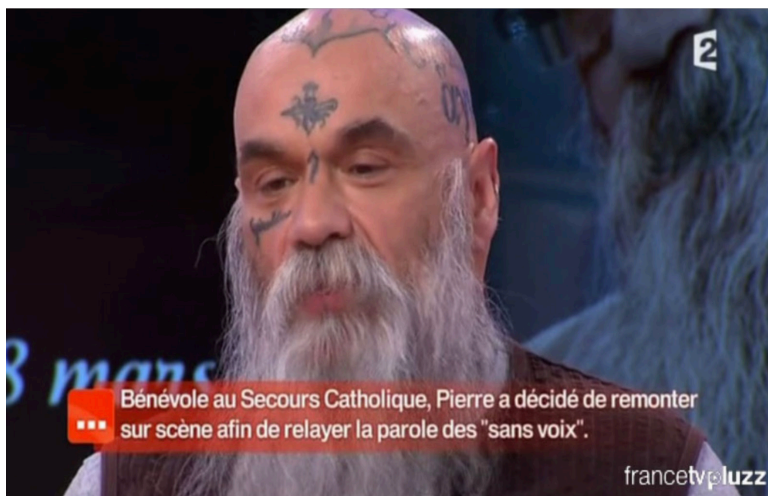
Imagem do grupo de rock “Sans Voix”.



Na verdade, o boletim de imprensa a seguir revela uma tensão. O grupo de rock é, por sua vez, apresentado como portador da voz dos sem voz e como o “encontro” entre um cantor conhecido e os “Sem”, os “esquecidos da nossa sociedade”. O grupo aparece, assim, centrado em um cantor carismático que “decide colocar seu talento de letrista e seu carisma cênico (mais de 15 anos de palco!) à serviço dos abandonados.” Ao fazer isso, os responsáveis pela comunicação do grupo vão à frente das respectivas mídias, precisando encarnar em um único indivíduo o movimento coletivo. A aparência do cantor, Piero Sapu – careca, tatuado e barbudo – corresponde ao estereótipo do artista marginal vivendo entre os pobres. Como se pode esperar, é ele, e não todo o grupo, que estava no centro de uma reportagem dedicada aos “Sem Voz” em um programa de televisão “Toda a história”, transmitido pelo canal nacional France 2, em 21 de março de 2015, cujo recorte de tela é apresentado a seguir:

FIGURA 7

Piero Sapu, integrante do “Sans Voix”, em uma reportagem televisiva.



Como podemos ver, o simples fato de passar pelas restrições de produção e consumo estético atrapalha o *status* e a mensagem daqueles que querem ser a voz dos sem voz. Para não se desviar deste tema, e não perder a legitimidade, o grupo é obrigado a não se posicionar realmente no campo discursivo musical: produzir textos ou músicas que fossem muito elaborados do ponto de vista estético seria, dificilmente, compatível com o ethos de indivíduos que querem “transmitir a palavra dos sem voz”, para usar a frase que aparece na tela da televisão da imagem acima. É por isso que as letras das músicas devem parecer simples, mostrando o ethos de pessoas simples. Vemos isso, por exemplo, na primeira estrofe da música intitulada “Rachel”¹⁴:

É apenas uma voz que não vemos não enxergamos
 Uma voz pequena uma voz simples que quase não existe
 É apenas uma voz que não ouvimos que não escutamos mais ou não

Ou no começo da música “Underground”¹⁵:

Você realmente não tem escolha quando é subterrâneo
 Do como, do porquê quando você é subterrâneo
 Não tem cabeça para o trabalho quando você é subterrâneo
 Você realmente não tem escolha...

O grupo pode apresentar os textos das canções como palavras “coletadas durante as oficinas de escrita”, é fácil identificar os traços do movimento reflexivo pelo qual a paratopia, que permite o grupo se legitimar, é escrita no enunciado: de um lado, a música “Rachel” apenas explica o significado de “sem voz”, que é o mesmo nome do grupo que canta a canção. De outro, “Underground” desenvolve o mesmo tema em outra isotopia: o sem voz é invisível porque é subterrâneo, abaixo da terra, e é a enunciação do grupo que o torna visível.

Se forçarmos um pouco mais sobre a elaboração estética, penderíamos para situações nas quais o discurso do porta-voz tem um relacionamento muito diferente com os sem voz, a quem ele afirma emprestar a sua voz. Isso é particularmente evidente para os artistas que definem seu posicionamento no campo da canção de variedades, retratando-se como pertencentes a um mundo de sem voz. Nós pensamos especialmente sobre rap.

Consideremos o exemplo do rapper americano Steven T. Shippy (nascido em 1977), mais conhecido por seu nome artístico, Prozak. Ele se legitima afirmando: “Eu dou voz às pessoas que chamo de *People of the Outside* / Pessoas de fora”.¹⁶

14 N.T.: Trazemos aqui a letra original: “Ce n’est qu’une voix qu’on ne voit pas qu’on ne regarde pas / Une petite voix une simple voix qui n’existe presque pas / Ce n’est qu’une voix qu’on n’entend pas qu’on n’écoute plus ou pas”.

15 N.T.: Apresentamos o original da música: “T’as pas vraiment le choix quand t’es underground / Du comment, du pourquoi quand t’es underground / Pas la tête de l’emploi quand t’es underground / T’as pas vraiment le choix...”

16 N.T.: Segue a letra original do Prozak: “I’m an outcast. I make music for outcasts. Look at the label. What’s it called? Strange. / I’m Strange, they’re Strange. It works [...]”

Eu diria que minha motivação é ajudar as pessoas. Fazendo músicas com as quais elas possam se identificar. Eu sinto que essa é a minha força, lyricamente. Esse é o valor que eu trago para a Strange Music: músicas que as pessoas podem se identificar, que as ajudem a trazê-las para a vida, e basicamente fazê-las saber que vocês não estão sozinhos com a depressão, vocês não estão sozinhos com ansiedade.

“Eu sou um excluído. Eu faço música para excluídos. Olhe para o título. Como se chama? Estranho.

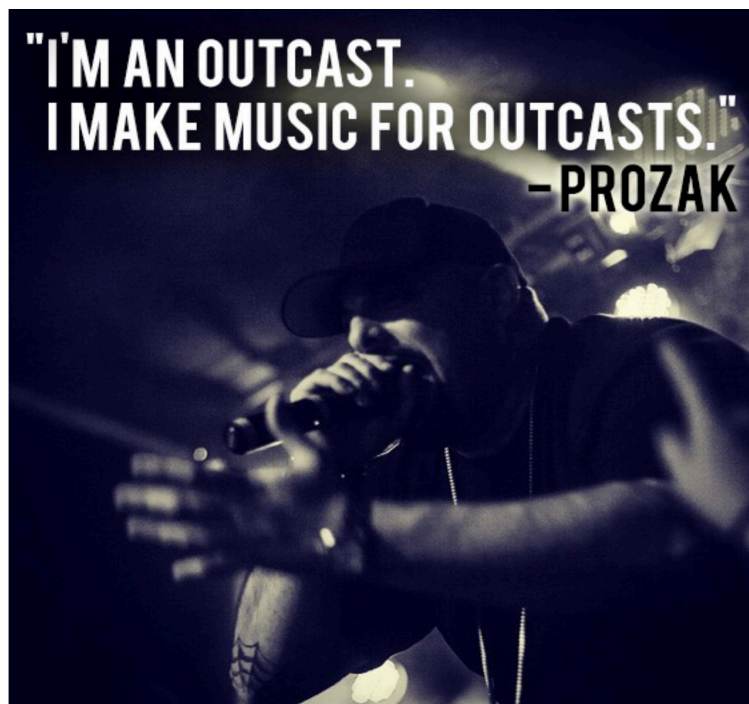
Eu sou estranho, eles são estranhos. É assim que funciona [...]”

Eu dou uma voz para as pessoas que eu chamo de “Pessoas do Lado de Fora”. Na verdade, uma nova música no meu álbum explicará isso. Nós somos as pessoas do lado de fora. Nós não somos parte “disso”. Estamos do lado de fora olhando para dentro. Nos sentimos fora do lugar. Todos nós temos nossos próprios motivos. Talvez tenha sido nossa criação, talvez seja por outra razão.¹⁷

Ao contrário do grupo de rock “Sans Voix”, o rapper americano, pelo seu próprio *status*, está na esfera superior, onde se criam produtos esteticamente elaborados. A foto associada a este texto, apresentada a seguir, é significativa de um pleno pertencimento ao *show-business* americano.

FIGURA 8

Capa do álbum de Prozak.



17 Depoimento do cantor Prozak disponível no endereço: <<http://www.strangemusicinc.com/2015/09/prozak/black-ink-interview/>>

Os “Sem Voz” pretendem falar em nome de uma população que existe na sociedade, aquela da qual se ocupam a Fundação Abbé Pierre ou o Grupo Socorro Católico, uma população que podemos encontrar fisicamente e que pode eventualmente se expressar nas “oficinas de escrita”. Já Prozak fala de uma coletividade que *ele mesmo construiu*, “Pessoas de fora”, os “excluídos” que não correspondem a nenhuma divisão social, mas são definidos por meio das categorias específicas de seu universo artístico e das convenções do rap americano.

Neste sentido, ele faz parte de uma longa tradição artística, segundo a qual muitas figuras do marginal servem como embreagens paratópicas (Maingueneau 2006: 120) aos artistas. Conhecemos o “malandro” e a “malandragem” da cultura carioca, onde o cantor ao encenar não leva a voz dos sem voz à esfera superior, mas se inscreve numa embreagem da paratopia constitutiva da Arte. O “malandro” oscila, na verdade, entre a figura do excluído da sociedade tópica, e aquela do indivíduo esperto que é capaz de enganar a todos. Tal oscilação é característica da ambivalência dos criadores artísticos, que constantemente tocam na paratopia que, na verdade, por sua vez, os torna excluídos e reis.¹⁸

Conclusão

As situações de “desigualdade discursiva” favorecem o aparecimento de uma modalidade específica de delegação de fala, aquela dos “porta-vozes”, que se legitimam dizendo que levam para a esfera superior a palavra do “sem voz”, dos inaudíveis. Os analistas do discurso são obrigados a tomar nota de tal afirmação, que é constitutiva deste tipo de enunciação. Mas, ao mesmo tempo, eles não podem acreditar que há uma mensagem significativa sendo suficiente apenas formatá-la um pouco para fazê-la passar a um outro espaço, pertencente a uma esfera superior. Não há intermediários transparentes, apenas práticas discursivas heterogêneas, mas articuladas uma às outras.

Os próprios analistas do discurso, quando revelam o que consideram ser uma desigualdade discursiva, dificilmente deixam de questionar sua própria abordagem. Suas pressuposições os impedem de acreditar que ela não participe, à sua maneira, da lógica do porta-voz, com todos os problemas que isso suscita. Porém, eles também estão proibidos de acreditar que o seu modo de intervenção na sociedade, por fazer parte das ciências humanas e sociais, seja da mesma natureza que o modo dos porta-vozes que não pertencem ao mundo acadêmico. Cabe a cada pesquisador gerenciar melhor essa dificuldade, com base em seu posicionamento teórico e em sua ética pessoal.

Referências Bibliográficas

DERRIDA, J. 1967. *De la grammatologie*. Paris: Minuit.

GUILHAUMOU, J. 2002. *La parole des sans*. Les mouvements actuels à l'épreuve de la Révolution Française. Lyon: E.N.S. Editions.

18 Sobre esta questão, ler Ramalho Aguiar (2014).

MAINGUENEAU, D. 2006. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto.

MAINGUENEAU, D. 2020. *Variações sobre o ethos*. São Paulo: Parábola.

RAMALHO AGUIAR, A. L. 2014. [Disponível na internet em <http://amerika.revues.org/5067>]. L'univers sociologique de l'*Ópera do Malandro* de Chico Buarque de Hollanda. *Revista Amerika*. [Consulta: 15 de junho de 2016].

DOMINIQUE MAINGUENEAU é Professor em Ciências da Linguagem na Universidade Paris IV, Sorbonne e autor de diversos livros e artigos influentes no campo dos estudos discursivos. Participa ativamente dos Colóquios e Congressos da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED, apresentando e debatendo trabalhos.

Correo electrónico: mainguenau.dominique@numericable.fr